

## **CASAL E FAMÍLIAS DE ORIGEM: UMA POSSÍVEL RELAÇÃO NA DEPENDÊNCIA EMOCIONAL DA MULHER**

O presente artigo é parte integrante de uma pesquisa de trabalho de término de curso,  
com título idêntico, criado pelas mesmas autoras

(2010)

**Liandra Marlize Lopes de Oliveira Nogueira**

Graduada em Psicologia. UnC- Universidade do Contestado (Mafra, Brasil). Pós graduanda em Terapia Familiar Sistêmica – Eirene e FLT (Curitiba-PR). Psicóloga clínica no IDI – Instituto de Desenvolvimento Integral (Brasil)

Orientadora:

**Martha Caroline Henning-Geronasso**

Psicóloga (CRP: 08/08231). Terapeuta Relacional Sistêmica

Mestre em Psicologia pela UFSC (Brasil)

Professora de Psicologia na Universidade do Contestado - Mafra/SC (Brasil)

Email:

[liandramarlize@hotmail.com](mailto:liandramarlize@hotmail.com)

---

### **RESUMO**

O conceito de dependência inclui geralmente diferentes fenômenos, tais como a submissão, caracterizada pela incapacidade de se manter, condicionando o indivíduo a viver em função do outro. A partir deste conceito e de pressupostos básicos relacionados à Psicologia Sistêmica, pensou-se na realização desta pesquisa com o objetivo de verificar, entre mulheres emocionalmente dependentes, a possibilidade de estarem repetindo padrões familiares. Assim, os sujeitos da amostra foram mulheres que vivenciam ou vivenciaram a dependência emocional em seus relacionamentos e que faziam parte de um grupo de auto-ajuda para este problema, denominado MADA – Mulheres que Amam Demais Anônimas, caracterizando o estudo como sendo exploratório e de levantamento de dados, em uma abordagem qualitativa. Para tanto, o método utilizado foi a aplicação individual de uma entrevista parcialmente estruturada e a aplicação em grupo da Técnica ‘Árvore Genealógica’, possibilitando o conhecimento tanto de conteúdos internos destas mulheres, quanto da história de suas famílias de origem. Com isso, foi possível verificar que as características atuais de dependência emocional nos relacionamentos afetivos estão ligadas a fatores como o convívio com modelos disfuncionais de casamento ou de relação durante o desenvolvimento de sua personalidade, principalmente quando estes modelos foram negligentes em suas relações com a filha, privando-a afetivamente, ou quando entre si possuíam a dependência emocional das relações ou de qualquer outro objeto além do cônjuge.

**Palavras-chave:** Dependência emocional, relação de casal, família de origem

## APRESENTAÇÃO

Partindo da premissa que a família é a matriz do desenvolvimento individual, uma vez que a personalidade é formada no seio deste grupo (Rosset, 2003), considera-se a família de origem como aquela na qual foram criados os pais da família nuclear atual (pais e filhos), podendo-se dizer que se trata dos pais e irmãos de pessoas adultas que já constituíram novo agrupamento familiar (Miermont, Arturo & Loza, 1994). Desta forma, a célula primária que dá origem a um agrupamento familiar é o casal, que desenvolve relacionamentos descritos por Osório e Valle (2002) como sendo as relações que mantém homens e mulheres, com o outro ou com o mesmo sexo, por terem estabelecido laços de natureza sexual e afetiva que os levam a desejar uma vida compartilhada, independentemente dos fins de procriação da espécie ou da institucionalização dessa união pelos ritos do casamento civil ou religioso.

Ao casar-se, cada sistema estabelece formas de relacionamento específicos. Esta dinâmica relacional que se estabelece é um processo que se inicia muito antes do nascimento das pessoas em questão. Padrões multigeracionais são transmitidos; modelos se estabelecem e são repetidos; relações são aprendidas e abstraídas pela família que deu origem a um novo ser. As relações primárias apresentarão um modelo de interação relacional que o indivíduo levará para toda a sua vida. Estas relações podem ser funcionais ou disfuncionais e geradoras de ansiedade durante as etapas do ciclo vital.

A família nuclear, através do casamento, terá refletida nela todas as aprendizagens que o ser individual, formado em uma família de origem levará como bagagem. De acordo com Rosset (2003) aprender a pertencer e a separar-se está entre as aprendizagens básicas importantes e mais difíceis da pessoa. A família dá àqueles que pertencem a ela o cunho da individualidade, porém isso depende da forma como o sentido de pertencimento e o de ser separado foi vivenciado dentro do seio familiar. A família é a matriz da identidade, assim fatores como a forma como os pais se relacionavam entre si e administravam o desafio de manter sua individualidade através da conjugalidade, bem como a liberdade que davam para seus filhos se desenvolverem emocionalmente, através do respeito às suas fronteiras e o nível de ansiedade que mantinham a cada crise no processo de desenvolvimento acrescentam um aprendizado do que deve ser uma relação conjugal e de como esta funciona, seja esta crença real ou não.

Assim, pode-se perceber que existe uma relação entre a dependência emocional de uma pessoa e o déficit nas aprendizagens relativas ao separar-se. Neste sentido, a dependência emocional pode ser definida como um padrão persistente de necessidades emocionais que não foram satisfeitas e que se projetam em relacionamentos. Pode ainda ser explicada como uma necessidade excessiva, de caráter amoroso que uma pessoa sente pela outra. Estão também presentes características como carência de auto-estima, estabelecimento de relações de casal

desequilibradas com a submissão, idealização do outro, necessidade do outro, chegando a extremos parasitários e medo da solidão (Blasco, 2000).

Tomando como base os conflitos que possivelmente se estabelecerão na família nuclear a partir da ausência da diferenciação da família de origem e de sua dinâmica relacional, a presente pesquisa se propôs a investigar os padrões de funcionamento da família de origem de mulheres que se encontravam em uma posição de dependência emocional na relação de casal (tal é compreendida por Blasco, 2000), averiguando a possibilidade de repetição desses padrões. Para isso, uma amostra foi retirada do grupo “MADA” – Mulheres que Amam Demais Anônimas, que agrega em seu programa mulheres dependentes emocionalmente nas relações interpessoais e que buscam semanalmente novas aprendizagens relacionadas ao envolvimento emocional com o outro. O grupo MADA é um programa de recuperação para mulheres que têm como objetivo primordial se recobrar da dependência de relacionamentos destrutivos, aprendendo a se relacionar de forma saudável consigo mesma e com os outros. Foi criado baseado no livro "Mulheres que Amam Demais" (1985), da autora Robin Norwood (Editora ARX), escrito baseado na própria experiência de Norwood e na experiência de mulheres de dependentes químicos (MADA, 1999).

Entretanto, não foi objetivo do presente estudo fazer um comparativo entre gêneros, sendo que a amostra foi constituída apenas por mulheres devido ao fato de ser o Grupo MADA freqüentado exclusivamente por esta população.

Para isso, houve a necessidade de focar alguns objetivos específicos, tais como: localizar dificuldades no processo de individuação destas mulheres; investigar o funcionamento de suas famílias de origem; analisar o funcionamento do casal atual; constatar se os padrões relacionais presentes na família de origem das entrevistadas se repetem em suas relações atuais e verificar no discurso das entrevistadas, se elas fazem ligação entre a forma como foram criadas e a maneira pela qual se relacionam com seus companheiros. Desta forma, o estudo foi realizado numa abordagem qualitativa, utilizando-se da Psicologia Sistêmica como aporte teórico para a análise dos dados coletados.

Dentro de uma relação de casal, a dependência emocional da mulher pode ser uma fonte de ansiedade, desesperança e disfunções, tanto para ela, quanto para seu parceiro; portanto, motivo de grande valor para a pesquisa, uma vez que os conhecimentos gerados podem ser utilizados em trabalhos acadêmicos ou clínicos de terapia individual e de casais com tais características.

## **VISITANDO A FAMÍLIA**

Segundo Andolfi, Ângelo, Menghi e Nicolo-Corigliano (1984), a família é um sistema ativo em constante transformação, que se altera com o passar do tempo com a finalidade de assegurar a

continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros componentes. Para (Minuchin, 1981; Prado, 1996; Rosset, 2003) é no ambiente familiar que as necessidades como afeto, apego, desapego, segurança, disciplina, aprendizagem e comunicação serão estabelecidas. É neste ambiente que a aprendizagem de estabelecer vínculos e a capacidade de aprender a relacionar-se é estruturada.

Os padrões se constroem, de acordo com (Rosset, 2003; Prado, 1996) na dinâmica das relações familiares, através do que é dito e do que não é dito, das normas explícitas e das regras que são passadas de forma sutil, nos olhares, nos toques, nas palavras e atos. O padrão básico de funcionamento significa a forma específica e repetitiva de ser e de reagir de cada ser humano, em todas as situações; os mecanismos que usará para sobreviver; suas escolhas ao compreender e se relacionar com as pessoas e situações. É importante dizer que estes padrões são definidos, e não necessariamente determinados, de forma linear.

No que se refere a estrutura familiar e seus desdobramentos Minuchin (1990) descreveu dois tipos de famílias disfuncionais: a emaranhada e a desligada. A emaranhada (ou aglutinada) tem como característica as fronteiras difusas, isto é, as pessoas giram em torno de si mesmas e se misturam no contexto familiar umas com as outras, com um conseqüente aumento da comunicação e preocupação entre seus membros, mas com a diferenciação do sistema familiar prejudicada. Os filhos têm mais dificuldade em se desligar dessa família de origem, evitando o crescimento e autonomia. O outro tipo de família disfuncional é a família desligada, caracterizada por fronteiras rígidas. Nela, a comunicação é difícil e as funções protetoras da família ficam prejudicadas. A independência aqui é mais facilitada, mas a proximidade e sentido de (pertenência<sup>1</sup>) ficam limitados.

Bowlby (1990) também apresenta uma tipologia do amor romântico que corresponde aos estilos de apego nas crianças por suas mães, sendo eles: estilo seguro, onde a separação e a interdependência são toleradas; o estilo evitativo sem implicação afetiva, com desconfiança e em que um exige do outro algo a que não pode responder e o estilo inseguro, em que ambos se aferram um ao outro e sempre estão inseguros, pois sentem que não há reciprocidade no que diz respeito ao tempo em que desejam permanecer com o parceiro.

## **A RELAÇÃO SIMBIÓTICA**

A definição de casal, dada por Rosset (2004) é a de que um casal é um par que tem uma relação afetiva, que tem intimidade e relacionamento sexual e que tem projetos em comum. Eles podem morar juntos ou não, ser do mesmo sexo, ou não, ter filhos ou não, entre outras escolhas peculiares.

---

<sup>1</sup> Sentimento de pertencer a um sistema (grupo humano).

Esta relação pode vir a apresentar algumas patologias, uma delas diz respeito a forma de relacionar-se com o outro, que de acordo com Friesen (2004) pode ser chamada simbiose, que se caracteriza por um certo parasitismo. Um precisa do outro para ser feliz. Sem o outro, a impressão que se tem é de que a vida não seria possível. Um depende do outro. Desenvolvem-se jogos em que o outro é forçado a adotar atitudes e ações que farão com que um padrão de convivência se cristalize, cronifique, por mais doentio que ele seja. A simbiose também define que o outro é responsável pela minha felicidade, por meu bem estar. Ele retira de mim a possibilidade de crescer, de enfrentar conflitos, de decidir coisas de minha vida. Instalada e mantida, rouba das pessoas a autonomia, a independência e dificulta o crescimento individual.

A fusão emocional é a recíproca da diferenciação. A pessoa emocionalmente fundida possui poucas convicções firmes, toma decisões baseando-se sobretudo em sentimentos e não em pensamentos racionais e procura, sobre todas as coisas, a aceitação dos outros. Os sintomas são vistos como um produto da reatividade emocional, podendo ser gerados por pressões para o conformismo ou rupturas numa relação fundida que sustentam o funcionamento de algumas pessoas (Bowen, 1979, *apud* Pinto, Veloso, Souza, Rebelo e Alhau, 2005).

Para Sofhia, et al (2007), o padrão patológico de se relacionar com o parceiro pode acometer homens e mulheres, devido à características culturais facilitadoras, parece que é particularmente prevalente na população feminina. A tendência em se tornar, nos termos utilizados pelas pessoas que sofrem com o problema, "obcecada" ou "viciada" pelo parceiro, em "viver pelo outro", esperando que ele dê significado à sua vida, costuma ser mais referida pelas mulheres, uma vez que, em geral, elas consideram a relação a dois como prioridade em sua vida

## **MÉTOD**

### **MATERIAL**

Com a finalidade de respeitar as normas internas do grupo "MADA" com relação ao anonimato de suas integrantes não foi possível o uso de gravador, sendo as entrevistas transcritas em um formulário específico. Os dados obtidos foram passados para um computador a fim de fazer um armazenamento de dados mais seguro. Para a confecção da pesquisa foi utilizado um (1) computador de marca ACER, Windows XP Professional Office, 2007 e uma impressora de modelo HP Deskjet 845c. Também foram utilizadas na aplicação da Técnica cinco (5) cartolinas brancas e diversas canetas coloridas da marca Pilot, três kits de giz de cera da Faber Castell e cinco canetas pretas de ponta grossa da marca Pilot.

## PROCEDIMENTOS

Inicialmente a pesquisadora entrou em contato por telefone com a responsável pelo Grupo “MADA” em Curitiba -PR, com o objetivo de investigar a possibilidade de autorização para a pesquisa junto ao grupo. Foi proposto à coordenadora do grupo a indicação de pelo menos cinco mulheres que se prontificassem a participar da pesquisa. A partir deste contato, uma declaração de autorização para a pesquisa foi elaborada e encaminhada à coordenadora do grupo. Da mesma forma, e por exigência da coordenadora, foi encaminhado à mesma o modelo da entrevista parcialmente estruturada, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido para que houvesse verificação prévia dos itens relacionados, com a intenção de analisar se estes feririam ou não as regras de anonimato e não agressividade às integrantes do grupo. O próximo passo foi a participação da pesquisadora em uma reunião do grupo, com a intenção de adquirir confiança das participantes e familiarização com o ambiente.

Com a liberação do roteiro de entrevista a responsável pelo grupo conversou com as integrantes que conhecia tentando retirar destas uma amostra específica de mulheres que possuíssem a queixa de dependência emocional na relação de casal, já que o grupo não era fixo e possuía perfis diferentes de dependência. A responsável esclareceu a necessidade da pesquisa e convidou as mulheres que se encaixaram no perfil do sujeito de pesquisa a participarem da entrevista individual com a pesquisadora. As entrevistas foram agendadas diretamente com a responsável pelo grupo. O local da entrevista foi a casa da responsável pelo grupo em um quarto separado e apropriado para a entrevista individual.

A entrevista foi realizada face a face, pois tratava-se de uma amostra pequena e com benefícios claros. Esta entrevista foi parcialmente estruturada, que de acordo com Laville e Dionne (1999), se caracteriza por possuir questões abertas, preparadas antecipadamente, porém com liberdade de retirada, de acréscimo ou mudança de ordem das perguntas.

Com o objetivo de aprofundar os dados coletados, após a entrevista foi realizada a aplicação de uma técnica de Psicoterapia Relacional Sistêmica. A mesma foi catalogada e descrita por Rosset (org); Herek; Fontanella & Bergstein (2006, p. 69). Segundo as autoras a técnica “Árvore Genealógica” (ANEXO 2) tem a intenção de auxiliar o terapeuta a avaliar a forma da construção familiar e os conteúdos relacionais e emocionais do cliente.

Após entrevista individual com cada sujeito da amostra, a técnica “Árvore Genealógica” foi aplicada no grupo. Dois estojos com canetinhas coloridas e três kits de giz de cera colorido da marca Faber Castell foram colocados no centro do círculo, onde cada mulher estava sentada com a cartolina à sua frente. Uma caneta de ponta grossa foi dada a cada participante e então realizada a consigna: Nós já conversamos individualmente sobre a questão da dependência emocional na vida de cada uma de vocês, agora eu gostaria de pedir a colaboração de cada uma para que representasse nesta cartolina a sua árvore genealógica, ou seja, como era a questão da dependência nas gerações anteriores a sua, seja esta dependência de relacionamento, química, de

trabalho, de comida, ou qualquer outro tipo de dependência que você tenha ouvido contar na sua família. Peço que você represente isso em desenhos, em palavras ou como você achar mais criativo, desde que o tema dependência esteja presente nas relações, pai-mãe, avô e avó, bisavô e bisavó, pais e filhos, até onde você lembrar. Vocês tem meia hora para realizar este desenho e depois cada uma deve dar um título a ele.

Após esta consigna uma das participantes começou a desenhar e as outras então foram tirando suas dúvidas entre si. Logo após todas desenharem, um tempo para a descrição dos desenhos foi proporcionado a cada uma. Depois de concluída esta etapa, a acadêmica recolheu o material pessoal e solicitou a autorização de cada uma para que fornecessem suas produções para um aprofundamento da análise dos dados. Todas doaram seus desenhos para a pesquisa.

Os dados obtidos através das entrevistas foram transcritos e avaliados através de análise do discurso, pela Análise Categorial Temática de Bardin (1977) e a partir de pressupostos epistemológicos da Psicologia Sistêmica. Já com relação aos dados obtidos com a técnica foram transcritos e analisados conforme a proposta das autoras (Rosset; et al, 2006).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Primeiramente serão explicitados na Tabela 1 a caracterização dos participantes; em seguida, serão apresentados os dados obtidos com as entrevistas individualmente; posteriormente, será apresentada a descrição da técnica, seguida por sua avaliação e tabela ilustrativa (Tabela 2) das ocorrências familiares que indicam dependência emocional nas famílias; por fim, será apresentada a Tabela 3, da Análise Categorial Temática e feita na seqüência a discussão dos resultados.



**TABELA 1 - Caracterização das Participantes**

Tabela de Caracterização das Participantes

<b>Entrevistada</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Profissão</b>	<b>Tempo de MADA</b>
1	28	Noiva	Artista cênica	2 anos
2	51	Separada	Professora	7 anos
3	42	Solteira	Jornalista	2 anos
4	57	Casada	Aposentada	7 anos
5	63	Separada	Aposentada	7 anos

A tabela 1 caracteriza as cinco (5) mulheres participantes da pesquisa em questão. Seus nomes foram preservados, sendo substituídos por números de 1 a 5.

## **ENTREVISTAS**

### **Apresentação dos Dados da Entrevistada 1**

A entrevistada descreve a relação dos pais como uma relação normal. O pai era um homem bravo e a mãe quieta e “molinha”, chegando a ser passiva. Aparentemente se davam bem. O papel mais dominante era do pai, sendo a mãe mais passiva, mas de acordo com a filha a mãe não era uma vítima dele. Crises presentes no casamento foram poucas, a única que a entrevistada lembra, mas que não dá tanto crédito é da suspeita de traição por parte do pai para com a mãe, com uma empregada. A entrevistada sofreu violência sexual de um amigo.

O que ficou marcado com o relacionamento dos pais foi o amor, que parecia existir entre eles, o companheirismo e o romantismo. Tem medo que acabe um dia suas relações da forma que acabou a de seus pais. Via-os dançando na sala e parecia ver nos pais um relacionamento intenso.

Com relação ao convívio com dependentes de álcool, drogas, trabalho, sexo e outros, dentro da família a entrevistada declarou possuir somente o pai dependente de nicotina. Quanto à presença de apego ou dependência na família de origem, a entrevistada é dependente da mãe, protetora, desde que o pai da entrevistada faleceu, quando esta tinha 14 anos. Declarou ser



mimada por esta e dependente de suas opiniões até hoje. Os pais eram afetivos com os filhos e entre si, apesar de haverem agressões físicas por parte do pai, que era muito rígido e que lhe causava medo. O pai faleceu quando a entrevistada tinha quatorze anos. Saudades e sentimento de culpa pela morte do pai são constantes.

Separar-se da família de origem é um tema difícil, pois a entrevistada apresenta dificuldades de deixar a mãe e sobrinha para formar um novo lar. Acredita que vai ser difícil deixá-las sozinhas. Quanto às repetições de padrões de casal dos pais nos relacionamentos afetivos hoje, a entrevistada apresenta submissão excessiva e sentimento de inferioridade diante do homem, sendo um relacionamento ideal para ela aquele em que possui o homem só para si, onde aparece o desejo de possuí-lo completamente, desejo de ser o ar que este homem respira. Deseja viver o mesmo que seus pais viveram.

### **Apresentação dos Dados da Entrevistada 2**

Descreve a relação dos pais como uma relação de terror. Os pais competiam entre si. Eram alienados entre si e dos filhos. O pai ameaçava constantemente a mãe. O papel mais dominante era do pai, que se apresentava mais controlador. Segundo a entrevistada, a mãe era uma vítima, mas que controlava tudo. Crises presentes no casamento foram marcadas por traições por parte de pai e da mãe. Os amantes eram públicos. Violências verbais, físicas e visuais eram frequentes. Houve separações e divórcio e um novo casamento por parte da mãe. A entrevistada foi abusada sexualmente pelo avô.

O que ficou marcado com o relacionamento dos pais foi o vazio afetivo que foi deixado por eles. A entrevistada casou-se por cinco vezes. Havia uma necessidade de controlar o outro, ciúme doentio. Não sabia ser cuidada. Possuía alta agressividade e dependência de drogas, álcool e sexo, devido à falta de limites em casa. O convívio com dependentes de álcool, drogas, trabalho, sexo e outros, dentro da família era constante. Pai e padrasto eram dependentes de álcool. A mãe era dependente de trabalho. Todos os amigos dos pais eram alcoolistas.

Quanto à presença de apego ou dependência da família de origem, considera-se sem apego algum. Foram criados sem afeto e limites, somente com agressões. Situações críticas e traumáticas na relação com os pais foram marcadas pela falta de afetividade, pelo pavor do pai e negligência com os filhos (“Eles me esqueciam no castigo”- SIC). Solidão na infância e adolescência. Por ver os pais alcoolizados, se tornou adicta também. Pai se aproximava e a repudiava de uma hora para outra.

Separar-se da família de origem não foi difícil, simplesmente abandonou a casa, quando os pais viajavam, na adolescência. Enfrentou com rebeldia os pais. Ao largar deles ficou dependente das pessoas e de sexo. Quanto às repetições de padrões de casal dos pais nos relacionamentos afetivos hoje, a entrevistada declara que nunca suportava a crise, era agressiva, como seus pais. Tornou-se dominadora nas relações e com ciúme doentio. Super protetora do

filho, o oposto da mãe. Sentimento de vítima e manipulação, como a mãe. Um relacionamento ideal para ela seria um relacionamento onde a mulher dominasse e cada um suprisse as carências do outro.

### **Apresentação dos Dados da Entrevistada 3**

Descreve a relação dos pais como uma relação normal, apesar das brigas. A mãe era reservada e rígida e o pai gritalhão e teimoso. Eram distantes entre si e com os filhos. A mãe era frustrada no casamento. O Papel mais dominante era do pai, apesar de que os avós moravam junto com eles e a avó realmente dominava a casa, enquanto o avô era dominado por ela. Avó e pai competiam pela liderança da casa. Crises presentes no casamento não eram aparentes, senão a distância entre os pais.

O que ficou marcado com o relacionamento dos pais foi que a filha desejou sempre ser cuidada por eles. Foi feminista porque não quis parecer fraca diante das necessidades de afeto. Auto-estima baixa e sentimento de querer ser o centro das atenções, devido à super proteção da avó. A frieza afetiva dos pais entre eles e com os filhos a afetou.

O convívio com dependentes dentro da família ficou restringido aos pais dependentes de nicotina e do trabalho e tios alcoolistas, com quem tinha contatos superficiais. A presença de apego ou dependência da família de origem foi considerada existente, apesar de não demonstrar. A família era grudada e apegada, apesar da falta de expressão da afetividade. A casa dos pais era um “ninhão”.

Situações críticas e traumáticas na relação com os pais foram marcadas pela falta de afetividade e negligência do papel de pai e mãe, o que fez com que a separação da família de origem acontecesse de forma rebelde, sem limites. A avó controlava os relacionamentos da neta. Não conseguiu até hoje se desligar da família de origem completamente e formar a sua própria, apesar de já ter um filho vive na casa de seus pais.

Quanto às repetições de padrões de casal dos pais nos relacionamentos afetivos hoje, declara não saber se relacionar, pois era muito mimada e sem limites. Quer mandar nos relacionamentos, como sua avó. Aprendeu com sua avó o controle e a invasão do mundo do outro. Nas relações quer ser a dona de tudo. Relacionamento ideal para ela seria um relacionamento onde ela dominasse, apesar de sonhar com o companheirismo e com um homem afetivo.

### **Apresentação dos Dados da Entrevistada 4**

Descreve a relação dos pais como uma relação sofrível, não havia conversa. Era marcada por brigas e agressões. A mãe era passiva e o pai nervoso e bravo. Havia violência física e verbal

do pai para com a mãe. O ciúme era constante da parte da mãe, pois o pai a traía. O pai era mais dominante. A mãe era vítima e possuía um domínio passivo, controlador e era super protetora.

Crises presentes no casamento foram marcadas por traições; violências físicas e verbais; separações e ciúmes. Abusada sexualmente por uma tia e acredita que provavelmente houve uma tentativa de abuso pelo pai. O que ficou marcado com o relacionamento dos pais foi a mãe insatisfeita sexualmente e sem desejo pelo pai. A mãe era a sustentadora financeira da casa.

O convívio com dependentes de álcool, drogas, trabalho, sexo e outros, dentro da família ficou restringido ao pai dependente de nicotina e álcool. Tios e primos, paternos e maternos, todos alcoolistas.

A presença de apego ou dependência da família de origem é manifestada pela entrevistada como falha, já que declarou ser apegada à família de origem e necessitada de seu afeto. Passava fome a ponto de desmaiar. Falta de segurança e sustento. Assumiu a casa para que seus irmãos não sentissem tanto a negligência de seus pais. O pai nunca quis que a filha estudasse, era ríspido, mas também era afetuoso e amoroso. Mãe rancorosa, amargurada, negligenciava os filhos. Foi exigida demais. Agressões verbais e físicas.

Separar-se da família de origem foi difícil. Há dois anos se sente largando a família de origem. A irmã é como filha para ela até hoje. É super protetora com todos. A mãe interferia indiretamente na relação de casal da filha (“Ela estava dentro de mim, internalizada”- SIC).

Quanto às repetições de padrões de casal dos pais nos relacionamentos afetivos hoje, a entrevistada declara que repetiu o sofrimento, martirização pessoal e dependência do trabalho. Sustentadora da casa, como a mãe. O marido fica com o lazer, como seu pai. No casamento, se sente mais uma mulher empregada do que uma mulher esposa. Só podia ir para a cama depois da casa limpa, como a mãe. O marido a persegue para dar-lhe carinho, assim como o pai à mãe. Acreditava que o álcool dele era culpa dela. Confundia seu pai com seu marido. Um relacionamento ideal seria um relacionamento com afetividade, confiança, respeito, afeto e intimidade, pois isso não existia entre seus pais.

### **Apresentação dos Dados da Entrevistada 5**

Descreve a relação dos pais como uma relação horrível. O pai era um homem bom, calado e passivo e a mãe irritada, nervosa e insatisfeita. Brigas constantes com o pai. Ela era frustrada e dizia não amá-lo. O pai era o “saco de pancadas” da mãe frustrada com o casamento. O pai era passivo na relação. As brigas eram constantes. O que ficou marcado com o relacionamento dos pais foi a falta de afetividade e carinho, pois nunca presenciou expressões de amor em casa. A mãe era frustrada com o casamento.

Convívio com dependentes de álcool, drogas, trabalho, sexo e outros, dentro da família ficou restringido ao pai dependente de nicotina atualmente e alcoolista quando jovem. Esta fase não foi presenciada pela entrevistada.

A presença de apego ou dependência da família de origem não existia nem entre os pais, nem entre os irmãos. Os pais não eram afetuosos com os filhos. Sem demonstrações de carinho. A entrevistada era cuidadora dos irmãos e dos próprios pais. Situações críticas e traumáticas na relação com os pais foram marcadas por agressões físicas e verbais e rigidez do pai. A casa era sustentada financeiramente pela entrevistada.

Separar-se da família de origem foi um momento de conflitos, já que o pai não liberou a filha para casar-se. O pai não gostava do noivo da filha. Repetições de padrões de casal dos pais nos relacionamentos afetivos hoje são marcados por falta de afetividade com o marido. Para a entrevistada, expressar sentimentos era feio e errado. Para a entrevistada um relacionamento ideal deve possuir reconhecimento.

### **Descrição da Técnica “Árvore Genealógica”**

Após a entrevista parcialmente estruturada a pesquisadora aplicou a Técnica “Árvore Genealógica”. Depois de seu término, todas comentaram suas produções, Os comentários seguem apresentados de forma a descrever uma a uma as colocações de cada sujeito, embora a aplicação tenha sido feita em grupo.

ENTREVISTADA 1 – Não colocou título. *“Eu gosto de beijar, abraçar, herdei isso da minha mãe. Coloquei no desenho a cor de cada um. Minha irmã deixei em branco e preto. Lembro de ter apanhado muito. Fui dependente da minha mãe e hoje meu noivo é o meu centro. São o sol da minha vida. Meus avós estão representados nas nuvens. Meu avô paterno constituiu outra família sem minha avó saber, ele a traía. Minha avó materna foi dada pelo meu avô para pagar uma dívida, isso fez com que ela fugisse e minha mãe teve que criar seus 4 irmãos e hoje minha mãe vive em função dos seus filhos, é passiva e possui três irmãs dependentes de amor e submissas. A minha avó arrumou mais uns dois maridos e sempre imagina que homens mais novos a paqueram. Minha sobrinha é representada por uma luz e é dependente da mãe da avó e da tia (eu) é criada sem pai, eu a protejo demais porque de certa forma me identifico com ela e com sua solidão, por viver sem pai e ter uma mãe como minha irmã. O raio aqui significa a brabeza e a raiva presentes. Meu pai era a figura forte”.*

ENTREVISTADA 2 – Título: “Retrato em Branco e Preto” – *“Que mapa! Enquanto vocês falavam eu concluía: Não tenho boas lembranças. Não conheci meu bisavô paterno, só sei que trabalhava nos correios. Minha bisavô é lembrada por mim como alguém que gostava de rosas e*

*era silenciosa sempre. Minha avó paterna era dependente de sexo, foi expulsa de Curitiba. Pois a família afirmava que ela era prostituta. Meu avô era um tarado, ele me chamou para cama uma vez, eu tinha oito anos, senti uma coisa ruim, ele passou a mão em mim. Ele também era dependente de sexo, álcool e tabaco. Minha avó traía meu avô, ele tinha amante também, se separaram. Meu pai foi criado pelos avós depois desta situação, portanto, abandonado pelos pais. Ele era um controlador ativo e dependente de álcool, já minha mãe era dependente de trabalho. O pai da minha mãe era controlado por minha avó, que era super controladora. E dependente do trabalho. Eu sou dependente de tudo e se não cuidar vou fazer do meu filho uma réplica minha”.*

ENTREVISTADA 3 – Título: “Sou o que sou” – *“Eu sou egocêntrica. Na minha família a morte os separa e este sempre foi meu ideal. Minha mãe é fria, frustrada e tem amor de mula, é dependente emocional do meu pai. Tinha sua forma de afeto, era rica e empobreceu, meu pai teve que sustentar meus avós. Ele é um homem generoso e de caráter, responsável, porém autoritário e ausente, preocupado com nosso bem estar. Na realidade meus pais eram trabalcólicos (workholicks). Meu pai falou que o pai dele abusou do álcool, mas não sei o tipo de abuso que era esse, se era freqüente ou não. Meu avo paterno era autoritário e teimoso e minha avó submissa, já o meu avô materno era passivo e amoroso e minha avó autoritária, controladora e de personalidade forte. Minha vida inteira foi procurando para mim um “banana” como meu avô. Eu agia com meu filho como minha avó comigo. Minha avó peitava meu pai e eu nunca apanhava, pois escondiam tudo o que eu fazia dos meus pais. Sou igual ao meu pai, briguenta. Na minha família é sempre assim, um ativo, outro passivo. O pai da minha avó materna dava a louca e ele mudava de cidade e de lugar, era aventureiro, ausente e maluco e minha bisavó autoritária, assim como minha bisavó paterna”.*

ENTREVISTADA 4 – Título: “Dessa gente fui feita” – *“Casei com um alcoolista e tive três filhas. Meu pai me controlava com tapas, minha mãe com chantagens. Minha mãe era ciumenta, controladora e manipuladora. Todos os meus tios maternos tem problemas com álcool. Me sentia ridicularizada e desprezada pelo meu pai. Ele tinha dificuldades de manter a casa. Havia cirrose repetida em minha família. Não conheci meus avós paternos, porém sei que os dois eram alcoolistas. Meu avô sumiu no mundo, não sabemos quando morreu. Meus avós também tinham dificuldades financeiras. Avó materna era a mulher forte, assim como minha mãe e eu. Minha avó buscava meu avô nas valetas pelo vício do álcool e era co-dependente. Do meu pai herdei a culpa, a agressividade e o orgulho. Ele foi colocado no internato quando criança de peito, minha avó os abandonou pelo vício. Da minha mãe herdei a manipulação pelo jeitinho brasileiro ou pelo grito. Eu sou a provedora da minha família, assim como minha mãe e avó. Meus tios paternos todos são alcoolistas”.*

ENTREVISTADA 5 – Título: “Minha história de afetividade” – *“Não conheci o pai do meu pai. Minha avó materna era poderosa, minha mãe também, apesar de ser insatisfeita e insegura. Meu avô era um homem bondoso. Não percebo afetividade em lugar algum, fazendo isso é que vi o quanto é grande a herança. Com parentes distantes e amigos sou diferente, até demonstro afeto, mas com os próximos tenho dificuldades. Não sabia demonstrar afetividade por meu marido, assim como minha mãe e minha avó. Meu pai era passivo e silencioso e seus pais bondosos”.*

### **Avaliação da Técnica “Árvore Genealógica”**

Para a avaliação da técnica, foram também levados em conta dados que haviam sido colhidos previamente nas entrevistas individuais, unindo todas essas informações que a acadêmica tinha no momento da técnica, na análise que segue abaixo.

(ENTREVISTADA 5), bem como: *“Estou repetindo o relacionamento da minha mãe e da minha avó, sem afetividade com os maridos”* (ENTREVISTADA 2). *“Eu estou procurando um banana como meu avô era para minha avó, isso era o normal para mim”* (ENTREVISTADA 3). *“Eu sou a provedora da minha família, assim como minha mãe e avó”* (ENTREVISTADA 4).

**TABELA 2 – Ocorrências Familiares**

Tabela Ilustrativa das ocorrências familiares relacionadas à dependência emocional na família de origem das entrevistadas.

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>ENTREVISTADAS</b>
Privação afetiva das entrevistadas com pais	5
Dependência emocional na relação de casal	5
Mães frustradas com o casamento	4
Dependência de nicotina	4
Dependência de álcool	4
Agressões físicas	4
Pais rígidos	3
Conflitos conjugais dos pais	3
Abuso sexual	3
Pais abandonados por avós	3
Traições conjugais	2
Perda de pessoas significativas	2
Dependência do trabalho	2
Agressões verbais	2
Separação conjugal dos pais	1
Dependência de sexo	1

A Tabela 2 é somente ilustrativa e não possui finalidade quantitativa, devido ao número reduzido de sujeitos.



**TABELA 3- Apresentação da Tabela da Análise Categorical Temática**

Análise Categorical Temática

<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUB-CATEGORIAS</b>	<b>ELEMENTOS DE ANÁLISE</b>
<b>Processo de Individualização</b> Forma como a pessoa cresceu e saiu da simbiose com os cuidadores, adquirindo maior autonomia e capacidade de auto-sustentação	<b>Dependência na Família de Origem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Super proteção materna</li> <li>• Controle por parte dos pais</li> <li>• Perda precoce de figuras parentais</li> </ul>
	<b>Separação da Família de Origem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizado com rebeldia</li> <li>• Resistência dos pais</li> <li>• Medo de deixar os familiares sós</li> </ul>
<b>Funcionamento da Família de Origem</b> Padrões e comportamentos comuns ao grupo familiar de origem das entrevistadas	<b>Convívio com Dependentes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dependência de nicotina</li> <li>• Dependência de trabalho</li> <li>• Dependência de álcool</li> <li>• Dependência de sexo</li> <li>• Dependência nas relações de casal</li> </ul>
	<b>Relações entre Pais e Filhos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de afetividade com filhos.</li> <li>• Violência física</li> <li>• Violência verbal</li> <li>• Violência Psicológica</li> <li>• Falta de limites</li> <li>• Pais abandonados por avós</li> <li>• Rigidez</li> <li>• Controle excessivo</li> <li>• Abuso sexual</li> <li>• Negligência</li> </ul>

## DISCUSSÃO DOS DADOS

### Processo de Individuação

A tabela 2 categoriza os ítems que foram avaliados durante a pesquisa, bem como as respostas avaliadas e analisadas pela pesquisadora. Nesta tabela estão contidas as categorias de respostas obtidas, dentre elas o processo de individuação das entrevistadas, que avaliou itens como a dependência que as entrevistadas mantinham com suas respectivas famílias de origem e a realidade de separação entre estas mulheres e suas famílias de origem. No item da dependência, as entrevistadas demonstraram em suas respostas a convivência com a super proteção materna, com o controle por parte dos pais e por perdas de figuras parentais precocemente. Quanto ao processo de separação da família de origem apareceram elementos de análise como rebeldia na saída de casa e resistência dos pais ao crescimento e autonomia das filhas.

Todas as entrevistadas apresentaram dificuldades em se desligar de suas famílias de origem, sendo que esta dificuldade se apresentou de formas diferentes. Uma delas tem medo de abandonar sua mãe e deixá-la só, outras duas realizaram este momento com atitudes confrontadoras, se rebelando contra as leis internas de suas casas e exigindo independência. Outras duas saíram de casa, mas não se sentiam liberadas verdadeiramente por seus pais. Nenhuma delas saiu de casa ou pretende sair de forma segura. A dependência e apego com a família de origem nestas cinco mulheres foi falha em todos os casos, sendo este apego emaranhado demais ou um sentimento de vazio instalado. Nichols e Schwartz (1998) afirmam que o indivíduo com personalidade madura e saudável consegue resolver seu apego emocional com a família de origem, e pode diferenciar-se da mesma. As pessoas que alcançam bons níveis de diferenciação são capazes de adotar posições definidas sobre as questões que a rodeiam, e permitem estar o contato íntimo com os outros, sem se deixar moldar por estes. Minuchin (1990) descreveu dois tipos de famílias disfuncionais: a emaranhada e a desligada. A emaranhada (ou aglutinada) tem como característica as fronteiras difusas, isto é, as pessoas giram em torno de si mesmas e se misturam no contexto familiar umas com as outras, com um conseqüente aumento da comunicação e preocupação entre seus membros, mas com a diferenciação do sistema familiar prejudicada. Os filhos têm mais dificuldade em se desligar dessa família de origem, evitando o crescimento e autonomia. O outro tipo de família disfuncional é a família desligada, caracterizada por fronteiras rígidas. Nela, a comunicação é difícil e as funções protetoras da família ficam prejudicadas. A independência aqui é mais facilitada, mas a proximidade e sentido de pertencer a um grupo ficam limitados.

## Funcionamento da Família de Origem

Na categoria Funcionamento da família de origem, o convívio com dependentes na infância sinalizaram a dependência de nicotina, de trabalho, de álcool, de sexo e a dependência emocional nas relações como algo presente no convívio das entrevistadas em mais de uma geração. Ainda nesta categoria foi avaliada a qualidade da relação entre pais e filhos e nos dados obtidos apareceu a falta de afetividade dos pais para com os filhos, a violência física, verbal e psicológica, a falta de limites, a convivência com pais abandonados por avós, a rigidez dos pais, o controle excessivo, o abuso sexual e a negligência.

A compreensão do funcionamento individual dentro do âmbito relacional caracterizado pela união de duas pessoas pelo relacionamento afetivo de casal é motivo de interesse atual, devido os grandes conflitos encontrados nesta migração da individualidade à conjugalidade. Este tema é amplo e complexo e principalmente no que se trata do fator dependência emocional nas relações conjugais, devido a esta questão ainda ser pouco estudada.

A ligação entre a família de origem de um casal e a constituição deste relacionamento atual ficou evidente nos dados obtidos na pesquisa em questão. No discurso destas mulheres observou-se esta ligação, principalmente no que diz respeito às repetições inconscientes dos padrões de relacionamento de seus pais. Apenas uma das cinco entrevistadas declarou que percebia em seu ambiente familiar de origem amor entre seus pais, o que fez com que ela idealizasse para si um amor como o deles, comprometido e romântico. Esta realidade ficou sufocada pela perda precoce de seu pai e um possível medo de que isso se repetisse em seus relacionamentos amorosos. O mito de que é possível viver o “Paraíso” e perdê-lo de um dia para o outro ficou internalizado como um fator de risco nas relações atuais, não só com o companheiro afetivo, mas com qualquer pessoa por quem houvesse apego.

A privação afetiva das entrevistadas por parte dos pais também demonstrou ser um fator de importância nesta ligação, pois tudo o que procuram em suas relações hoje é viver com o parceiro uma relação de possessividade, onde não há a possibilidade de perder o afeto e a aceitação do outro. Das entrevistadas, todas declararam não haver recebido afeto adequado na infância e conviver com essa falta de demonstrações de carinho dos pais, assim como afirma a pesquisa de Tavares & Zilberman (2007), que verificou que a baixa auto-estima, sentimentos de raiva, privação afetiva e estresse emocional podem ser fatores psicológicos importantes no desenvolvimento desse quadro. Da mesma forma, alguns fatores familiares podem estar associados, como abuso de substâncias e história de negligência (física e/ou emocional) na infância.

A dependência se instala também nestas aprendizagens, quando as pessoas com quem esta mulher convive demonstram sua compulsão e falta de domínio perante o sexo, o trabalho, as drogas, a nicotina e principalmente a dependência emocional na relação de casal, onde um

domina e o outro se submete para não perder o parceiro, ou então pela perpetuação de um padrão de comportamento onde alguém deixou de cumprir seu papel de provedor e sustentador do lar por longos períodos, caracterizados por negligência aos filhos. Nesta dinâmica, um dos filhos se apossará do papel, com a finalidade de manter o sistema em equilíbrio e desta posição não consegue sair sem ajuda, nem quando encontra um parceiro, continua tendo com este uma relação de cuidador.

Assim, percebe-se que não são somente os pais abandonantes podem prejudicar as futuras relações de seus filhos, mas também pais e avós super protetores que não permitem nos filhos o erro e a autonomia, e que não possuem limites estabelecidos. Neste sentido, Rosset (2002) afirma que estruturar o mundo da criança é ter com ela horários, fluxos, regras, espaços definidos; é auxiliá-la a diferenciar e classificar não só seu mundo familiar, mas toda a família extensa, os sentimentos, os comportamentos, a comunidade e a cultura.

Um elemento de análise que não estava presente nos questionamentos da entrevista parcialmente-estruturada, mas que mesmo assim foi relatado por três das entrevistadas é a violência sexual, que de acordo com a Organização Mundial de Saúde de Genebra (2002) é definida como qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou investidas sexuais indesejados, ou atos voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coação.

### **Funcionamento do Casal de Pais na Família de Origem**

Quanto à categoria do Funcionamento do Casal de Pais na Família de Origem, as crises no casamento foram demarcadas nestas famílias por ciúmes, traições, violência física, violência verbal, competições entre o casal e separações. Ainda dentro desta categoria se encontra a relação entre os pais que se definem em alguns casos como relações conflituosas, com a presença de dependência emocional e em um dos casos com a presença de amor no lar, A falta de afetividade entre os pais também apareceu. Quanto ao item que menciona a presença de uma relação onde há o domínio de um dos cônjuges e a passividade de outro, a realidade desta disfunção também apareceu. A sub-categoria que denuncia o sacrifício de um cônjuge na relação foi ressaltada pela presença de algumas mães frustradas no casamento aos olhos das filhas e a estes olhos um dos cônjuges também pareciam vítimas na relação.

O fato de um dos cônjuges não se sentirem satisfeitos emocionalmente no casamento pode possuir também relevância na busca destas mulheres por um amor ideal, onde o amor romântico realmente exista. Quando um filho percebe que não há amor entre seus pais a insegurança se instala e insegurança é algo muito presente no relato destas mulheres, realidade confirmada por Prado (1996) que declara que a continuidade do cuidado afetivo confiável desenvolve na criança um sentimento de confiança nos demais, a auto-estima regulada, a sociabilidade, relações afetuosas e uma comunicação social adequada, A percepção dos pais como fonte de segurança e

proteção estimula na criança o desenvolvimento das funções instrumentais do ego e a capacidade de amor a si própria. Este estímulo se percebe na ausência de violência física, verbal ou emocional, bem como nas demonstrações afetivas entre o casal.

Além disso, o ciúme também se aprende nas relações, tal como afirma Torres, et al (2005) quando diz que um dos sintomas da dependência emocional nas relações é o ciúme que é uma emoção humana comum e se caracteriza por um conjunto de pensamentos, emoções e ações que é desencadeado diante da ameaça à estabilidade ou qualidade de um relacionamento íntimo valorizado.

### **Padrões de Relacionamentos Repetidos Atualmente**

Na categoria que avalia os padrões de relacionamento dos pais que se repetem hoje nas relações das mulheres que pertenciam a estas famílias foram declaradas repetições como o ciúme, a dependência emocional afetiva, a dependência de álcool, de drogas, de sexo, a super proteção, o cuidado excessivo com o outro, a submissão excessiva ao homem, a agressividade e a necessidade de dominar a relação como meio de não perder o controle.

As repetições geracionais também devem ser investigadas. Na pesquisa foram relatados três (3) casos de abandono de filhos por seus pais em gerações anteriores às das entrevistadas. O abandono é um fator importante nesta discussão, já que caracteriza um fator cristalizante de comportamento, onde como consequência e defesa naturais o sujeito abandonado pode se comportar com atitudes rígidas ou super protetoras daqueles que o pertencem ou negligenciar as figuras que esperam deles um vínculo. A dificuldade de se construir vínculos ou a possessividade pode estar relacionada a este abandono, tal como sinaliza Lowen (1982) que declara que uma perda de amor na meninice, pode fazer com que, em defesa própria as pessoas se fechem e, por isso, incapazes de amar, continuem mal amadas. As famílias se repetem a si mesmas. O que sucede numa geração, com frequência se repetirá na seguinte, pois as mesmas questões tendem a aparecer de geração em geração, apesar de que a conduta atual pode tomar várias formas.

A pesquisa reflete cinco realidades, de cinco mulheres que conviveram com suas famílias de origem e que sofrem atualmente com a dificuldade de vincular-se a um companheiro afetivo de forma saudável e não obcecada ou “viciada”. Em seus discursos algumas fazem esta ligação, como a entrevistada 2 que declarou “*Sou super protetora, o oposto de minha mãe e viciada como ela*”. A entrevista 3, por sua vez, disse: “*Quero um homem banana como meu avô era para minha avó. Estou repetindo o relacionamento da minha mãe e da minha avó, sem afetividade com os maridos*” A entrevistada 4 também afirmou algo semelhante: “*Meu marido me persegue para me dar carinho, assim como o meu pai à minha mãe. Ela acreditava que o álcool dele era culpa dela, como eu. Confundia meu pai com meu marido.*” E a entrevistada 5 comentou: “*Eu sou a provedora da minha família, assim como minha mãe e avó. O pai da minha mãe era*

*controlado por minha avó, que era super controladora e dependente do trabalho. Eu sou dependente de tudo e se não cuidar vou fazer do meu filho uma réplica minha".* Nos questionamentos realizados com a entrevistada 1, apareceu em seu discurso: *"Aprendi com minha mãe a submissão excessiva e sentimento de inferioridade diante do homem"*.

Desta forma foi possível perceber que todas conviveram com a realidade da dependência emocional na relação de seus pais, aprendendo padrões comportamentais do que é relacionar-se e amar, assim como afirma Rosset (2004), que diz que todo o padrão que a pessoa aprendeu no seu relacionamento com pai e mãe vai interferir na relação de casal, seja vendo o outro como um dos seus progenitores, seja atacando-o, seja poupando-o ou tentando agradá-lo. Para Minuchin (1990, p.57) "transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e estes padrões reforçam o sistema."

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo realizado percebeu-se que a dependência emocional feminina nas relações de casal pode estar relacionada ao padrão de relacionamento que estas mulheres mantinham com suas respectivas famílias de origem. Os dados obtidos demonstraram que a dependência emocional na relação de casal destas mulheres está ligada a fatores como a presença de dependência e vínculo com a família de origem dificultando o processo de individuação, dificuldades no desligamento da família e formação do novo casal e a apresentação de padrão de comportamento adicto, uma vez que as entrevistadas demonstraram haver mantido o contato em suas famílias de origem com outras formas de dependência, concomitantes à emocional, tais como: drogas, sexo e trabalho. Conclui-se, portanto que o contato com familiares adictos emocionalmente ao outro ou a qualquer outro objeto pode gerar a repetição destes comportamentos.

Outra constatação permitida por esta pesquisa foi verificar a repetição de padrões de comportamento aprendidos nas famílias de origem, uma vez que estas possuem comportamento adicto em gerações anteriores, ademais, foi comum aos sujeitos da pesquisa a presença em suas famílias de origem de privações afetivas vividas pelos pais envolvendo abandonos e perdas em suas histórias pregressas. Estes mesmos pais, em alguns casos repetiram o mesmo padrão de relacionamento com suas filhas, sendo este comportamento caracterizado pelo abandono e negligência como o oposto desta realidade, ou seja, a super proteção e rigidez na educação de suas filhas, talvez na tentativa de não permitir que suas filhas experimentassem a mesma sensação que estes experimentaram em seu desenvolvimento emocional, porém, a pesquisa também concluiu que tanto a falta quanto o excesso de proteção das figuras parentais podem ser prejudiciais ao desenvolvimento da autonomia e diferenciação da família de origem, bem como à aquisição de uma base emocional segura em suas novas relações. O medo e a insegurança são



frequentes no discurso destas entrevistadas. Não vêem possibilidade de viver sem uma outra pessoa, em quem projetar suas expectativas frustradas e tentar reconstruir ideais de relacionamentos. A necessidade de pertencer a um sistema onde prevaleça a segurança faz-se necessário, porém nessa busca muitas se perdem, somente encontrando a possessividade como arma contra o pertencer e o risco de separar-se.

Outra questão foi o modelo de casamento exibido às mulheres que foram sujeitos da pesquisa, pois os pais das mesmas apresentavam em seus casamentos frustrações, principalmente as mães. Nestas relações estavam presentes a dependência emocional, conflitos conjugais, agressões e traições. Além disso, foi comum entre as mesmas a presença de pais que faziam uso da violência física, psicológica e abusos sexuais na infância. Este último dado não era inicialmente um fator incluído nas entrevistas, porém apareceu espontaneamente e com frequência nos relatos, o que abre caminhos para novas pesquisas neste campo, na tentativa de buscar relações do abuso sexual com a passividade e submissão introjetadas por estas mulheres.

Conclui-se, portanto que a baixa auto-estima, abandono, privação afetiva, estresse emocional e má qualidade na relação de casal dos pais e a forma como interpretaram o que é o amor em suas relações podem ser fatores psicológicos importantes no desenvolvimento desse quadro, sabendo que as características referentes a estas mulheres não são unicamente socioculturais ou de origem cognitiva; portanto, fatores como uma ampla avaliação diagnóstica e estudo da história familiar se fazem necessários, a fim de que estas mulheres possam ser assistidas em suas dificuldades e estejam livres não somente da prisão ao outro, mas da prisão do seu passado, lembrando sempre que estes padrões são definidos, e não necessariamente determinados de forma linear.

É importante considerar que uma vez que se tratou de uma pesquisa qualitativa não houve a intenção de generalizar os resultados, mas sim de aprofundar a temática em questão, investigando os sujeitos e retratando fatos que existem na realidade, objetivo este que foi cumprido dentro dos moldes científicos propostos, apesar da dificuldade gerada por não haver a possibilidade de gravar a fala das entrevistadas, devido às normas internas do grupo relacionadas ao anonimato, bem como a possibilidade não atingida de um maior número de sujeitos.

O objetivo deste estudo foi revisar a literatura e pesquisar novos dados a respeito de uma possível ligação existente entre o padrão de funcionamento de mulheres emocionalmente dependentes da relação conjugal e as aprendizagens realizadas por elas na família de origem, tendo como particular interesse o tema da dependência emocional nas relações afetivas em meio às gerações. Nas investigações intergeracionais, principalmente na técnica aplicada a realidade constatada por estas mesmas mulheres, sujeitos da pesquisa foi que estes padrões não iniciaram em suas gerações, mas que vem de pelo menos três gerações anteriores a sua. Algumas não conheciam suas histórias com profundidade, mas mesmo assim puderam constatar disfunções na forma que seus pais, avós e bisavós adotaram de se relacionar.



Na atualidade muito se fala sobre dependência emocional, porém mais relacionada à adicção química. Alguns estudos foram realizados com a intenção de buscar fatores que pré dispusessem a dependência emocional nos relacionamentos, porém cientificamente pouco se afirma, daí a importância de se realizarem novas pesquisas nesta área, pois existe uma demanda para a Psicologia clínica de casais que possuem baixa qualidade em seus relacionamentos devido a este fato, bem como o sofrimento individual de mulheres que se sentem dominadas pelo sintoma da dependência emocional em suas relações e que a partir do auto conhecimento e da busca por suas falsas crenças ligadas à forma de se relacionar e ao amor, bem como a intenção interna de renovar suas aprendizagens baseando-se em novas descobertas sejam reais e um importante material a ser desvendado pela Psicologia clínica.

## REFERÊNCIAS

Angelo, C.; Mengui, P.; Nicolo-Corigiano, A.M. (1984). *Por trás da máscara familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Baker, E.F. (1980). *O Labirinto Humano: As Causas do Bloqueio da Energia Sexual*. São Paulo: Summus.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.

Blasco J.C. (Mar 2000). *Análisis del Concepto "Dependencia Emocional"*. In: 1 Congresso Virtual de Psiquiatria – Transtornos de Personalidade. 52 páginas. Disponível em: [http://www.psiquiatria.com/congreso\\_old/mesas/mesa6/conferencias/6\\_ci\\_a.htm](http://www.psiquiatria.com/congreso_old/mesas/mesa6/conferencias/6_ci_a.htm). Acesso em: 21 mai 2007.

Bottura Junior, W. (2003). *Ciúme: entre o amor e a loucura*. São Paulo: República Literária.

Bowlby, J. (1990). *Trilogia Apego e Perda*. Volumes I e II. São Paulo: Martins Fontes.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_ (2007). *Tratamiento de la Dependência Emocional em la mujer*. II symposium nacional tratamiento de adicción en la mujer. Disponível em: <http://www.institutospiral.com/cursosyseminarios/resumenes/Jorge%20Castello.htm>. Acesso em: 10 dez, 2007.

Cervený, C.M.O.; Berthoud C.M.E. (2002). *Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital*. Curitiba: Casa do Psicólogo.

Cozby, P. C. (2003). *Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento*. São Paulo: Atlas.

Fichtner, N. (1996). *A Criança e o Contexto Sócio-Familiar e Escolar*. In: Prado, L.C. (org.); Stein, A.; Waldemar, J.O.; Gonçalves, N.T.; Fichtner, N.; Falceto, O.G.; Severino, R.L.; Castiel, S. *Famílias e terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Friesen, A. (2004). *Cuidando do casamento: Para conselheiros e casais*. Curitiba: Evangélica Esperança.

Fromm, Erick. (1966). *A Arte de Amar*. Belo Horizonte: Itatiaia.

Gil, A.C. (1991). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Atlas.

Laville, C; Dionne J. A. (1999). *Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Adap. Lana Maria Siman. Porto Alegre: Artmed. Lowen, A. (1982). *Bioenergética*. 9 ed. São Paulo: Summus.

\_\_\_\_\_. (1986). *Medo da vida : caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo*. São Paulo: Summus.

Lakatos, E. M. e Marconi, M. A.(2003). *Fundamentos da Metodologia Científica*. 5a. ed. São Paulo: Atlas.

Lalande, A. (1996). *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

Mada – Mulheres que Amam Demais Anônimas. (s.d.). *Apostila dos Passos Completos*.

Miermont J; Arturo, C; Loza,M. (1994). *Terapias Familiares: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre : Artes Médicas.

Moraes, C.V.; (2005). *Um por todos e todos por um: O desafio da construção da identidade conjugal quando há dificuldades de diferenciação em relação às famílias de origem*. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1051>. Acesso em: 13 mai de 2008.

Nichols M. P; Schwartz R. C. (1998). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre: Artmed.

Norwood, R. (1987). *Mulheres Que Amam Demais*. São Paulo: Best Seller.

Organização Mundial da Saúde. Trad; Krug, E. G., Dahlber, L.L., Mercy,J.A., Zwi, A.B., & Lozano, R. (2002). *Relatório Mundial sobre violência e saúde*. Genebra.

Osório, L. C.; Valle. M. E. P.(2002). *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed.

Pedro, R.F. (2007). *Métodos e Instrumentos de Pesquisa*. Apostila de Metodologia Científica.Universidade de Contestado. Disciplina de Metodologia Científica, Mafra.

Pinto, F.M.S. ; Veloso, M.J.G ; Santos, R.F.G ; Rebelo ,R.S.P ; Alhau, V.C.P. (2005). *Modelo Transgeracional: Murray Bowen*. Apostila de Terapia Familiar, Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação. Coimbra. Disponível em [http://www3.fpce.uc.pt/ensino/psi/tf/grupoA1\\_5.pdf](http://www3.fpce.uc.pt/ensino/psi/tf/grupoA1_5.pdf). Acesso em: 13 abr 2007.

Prado,L.C.; (1996). Pontes entre Concepções Psicanalíticas e Sistêmicas. In; Prado L.C, (org.); Stein,A.; Waldemar,J.O.; Gonçalves, N.T.; Fichtner,N.; Falceto, O.G.; Severino, R.L.; Castiel,S. *Famílias e terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Rezende, I.G; Krom, M; Yamada, M.O.(Ago, 2003). *A Repetição Intergeracional e o Significado Atual da Deficiência Auditiva*. Universidade de São Paulo, Vol. 19 n. 2, pp. 177-184. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n2/a11v19n2.pdf>. Acesso em: 21 mai 2007.

Rosset, S.M; Paulus, T.C.F.B. (1990). *A Terapia Relacional Sistêmica. Trabalho apresentado no Seminário Clínico do Núcleo de Psicologia Clínica*, Curitiba. Disponível em: <http://www.srosset.com.br>. Acesso em 21 mai, 2007

\_\_\_\_\_ (1994). *Histórico da Terapia De Família*. Disponível em: <http://www.srosset.com.br>. Acesso em 21 mai, 2007.

\_\_\_\_\_ (2003). *Pais e Filhos: Uma relação delicada*. Curitiba: Sol.

\_\_\_\_\_ (2004). *O Casal Nosso de Cada Dia*. Curitiba: Sol.

\_\_\_\_\_ (2005). *Relações de casal: tempo, mudança e práticas terapêuticas*. Curitiba: Sol. p 41-60.

\_\_\_\_\_ (2006). (org); Herek, L.; Fontanella, N. R.S. & Bergstein, T. F. *123 técnicas de psicoterapia relacional sistêmica*. 2.ed. Curitiba: Sol.

Severino, R.L. (1996). *Casais construindo seus caminhos: A terapia de casal e a família de origem*. In: Prado L.C, (org.); Stein, A.; Waldemar, J.O.; Gonçalves, N.T.; Fichtner, N.; Falceto, O.G.; Severino, R.L.; Castiel, S. *Famílias e terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Souza, D.S. (2005). *Visita as Colusões*: In Rosset, S.M. (org.). *Relações de casal: tempo, mudança e práticas terapêuticas*. Curitiba: Sol, p 141-172.

Sofhia, E; Tavares H ; Zilberman, M. (mar 2007). *Amor Patológico: Um novo transtorno Psiquiátrico*. *Rev. Bras de Psiquiatr*. São Paulo, vol 29, no 1, mar 2007, pp. 55-62. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462007000100016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462007000100016&lng=pt&nrm=iso). ISSN 1516-4446. doi: 10.1590/S1516-44462006005000003.

Torres, A.R.; Ramos-Cerqueira, A.T.A; Dias, R.S. (1999). O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo compulsivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v 21, n. 3, set.

Vianna, L. A. C.; Bomfim, G. F. T. ; Chicone, G. Auto Estima de mulheres que sofreram violência. *Rev. Lat-Am. Enfermagem*. São Paulo. 2006 vol. 14, no. 5, mar 2008, pp 695-701. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692006000500009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000500009&lng=en&nrm=iso). ISSN 0104-1169. doi: 10.1590/S0104-11692006000500009.

Willi, J. *Terapia Familiare: O Conceito de Colusão*. Rivista interdisciplinare di ricerca ed intervento relazionale. Curitiba, n. 23 - Março 1987 - 1998. Disponível em <http://www.srosset.com.br/>

Winnicott, D. W. (2001). *A Família e o Desenvolvimento Individual*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes.

#### Referência Consultada

Manual de Estilo da APA: regras básicas. (2006). *American Psychological Association*. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed.